



**XXXI Congresso de
Iniciação Científica**
----- **Unicamp**

2022



Classes sociais, Estado e Poder para Pierre Clastres e Maurice Godelier: divergências esquecidas

Palavras chave: Antropologia-Política, Pierre-Clastres, Maurice-Godelier

Autores:

Felipe Nordskog Paiva, IFCH, UNICAMP

Professor Doutor Antonio Roberto Guerreiro Júnior(Orientador), IFCH, UNICAMP

Introdução

Este projeto consiste em uma análise das divergências teóricas estabelecidas por Pierre Clastres e Maurice Godelier inexploradas devido à morte prematura de Clastres. Mais especificamente buscando compreender as críticas colocadas à Godelier presentes no artigo de Clastres “Os marxistas e sua antropologia” e a breve resposta de Godelier anos após a morte de Clastres em uma entrevista nomeada “Ser marxista na Antropologia”. Os conceitos de classes sociais, Estado e poder foram colocados em destaque por serem presentes em ambos os textos citados aqui e centrais nas diferenças teóricas apresentadas.

Metodologia

Revisão e análise bibliográfica das obras de Pierre Clastres, “Arqueologia da Violência”, “Sociedade contra o Estado” e das principais obras de Maurice Godelier, “Horizontes da Antropologia” e “The making of great men: Male domination and power among the New Guinea Baruga”, além da leitura de comentadores das obras dos dois autores para a maior compreensão das divergências ou convergências dos autores quanto aos conceitos de classes sociais, Estado e poder. Também buscando entender e mapear as diferenças teóricas pelos diferentes projetos

antropológicos propostos pelos dois autores em suas teorias e nos textos citados na introdução, por parte do Clastres, “Os marxistas e suas antropologias” e de Godelier, a entrevista “Ser marxista na antropologia” onde os dois autores entram em conflito direto com críticas um ao outro. Todas as obras estão disponíveis na biblioteca Octávio Ianni do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas ou em meu acervo pessoal.

RESULTADOS E CONCLUSÃO

Primeiramente, abordando a teoria de Pierre Clastres, o antropólogo francês tem como principal objetivo a construção de uma antropologia política que busca respostas para algumas questões que são principais para ele. A primeira sendo a compreensão do que é o poder político, e a segunda, como e por que que uma sociedade passa do poder político não coercitivo ao poder político coercitivo (CLASTRES, 2003), com isso, já se pode perceber como o conceito de poder é central na obra do pensador francês, os conceitos de Estado e classes sociais também acompanham essa centralidade ao longo de sua obra e estão intimamente ligados com o conceito de poder.

Segundo Clastres, o conceito de poder é concebido unicamente como uma relação coercitiva baseada no mando e obediência ou na coerção e subordinação, algo que é insuficiente para a compreensão de sociedades que não se utilizam de um modelo de poder coercitivo e com isso, o antropólogo francês busca reformular este conceito a partir da análise do que ele chama de poder não coercitivo em sua antropologia política (CLASTRES, 2003). O poder para Clastres seria algo imanente à vida social, podendo estar presente em duas categorias, o poder coercitivo e o poder não coercitivo. O modelo não coercitivo se caracteriza por não existir uma instância própria, separada da sociedade, onde se exerce o poder, o poder só é exercido pela sociedade e dentro dela, sendo a figura do chefe (apesar de gozar de um grande prestígio e respeito) um refém da sociedade por não ter nenhum poder de decisão.

A compreensão do modelo de poder não coercitivo é essencial para entender os conceitos de Estado e classes sociais. Quando Clastres afirma que o poder não coercitivo implica não existir um órgão próprio separado da sociedade onde se exerce o poder (CLASTRES, 2003), ele procura esclarecer que este modelo de poder e de sociedade não permite o surgimento de um Estado e por sua não existência, não há divisão social em dominantes ou dominados, ou seja, não há classes sociais, sendo este o motivo de considerar estas sociedades, como sociedades contra o Estado.

Com a apresentação destes conceitos, pode-se compreender melhor o artigo de Clastres, publicado 1 ano após sua morte, em 1978, “Os marxistas e sua antropologia”. Neste artigo, Clastres faz uma crítica geral ao marxismo na antropologia e a alguns expoentes da antropologia marxista, como Maurice Godelier e Claude Meillassoux. Focando em algumas das críticas que Clastres coloca a Godelier, ele afirma que o marxismo e Godelier reduz o corpo social das sociedades à infraestrutura econômica (CLASTRES, 2004), como se o econômico fosse o social e para Clastres é justamente o contrário, o social é o econômico, ainda mais nas

sociedades originárias que são máquinas de antiprodução, noção que Clastres afirma com base nos trabalhos de Marshall Sahlins em *Stone Age Economics*. A partir disso, o antropólogo político elabora a noção que o marxismo não é uma teoria histórica como tenta se provar e sim, apenas uma análise particular da sociedade capitalista do século XIX, e com isso transportar ela para a antropologia é algo perigoso pois o marxismo não é capaz de analisar essas sociedades e ao tentar fazer isso, os antropólogos marxistas estão criando distorções e discursos não científicos (CLASTRES, 2004). Clastres critica também principalmente a noção de Godelier de existirem sociedades divididas socialmente em ordens ou castas mas que não existe um Estado nelas, algo que para Clastres seria impossível pois essa divisão social, já se configura como o Estado a partir de sua visão e concepção deste conceito.

Godelier por sua vez, procura construir com sua teoria uma antropologia econômica a partir do marxismo, mas o seu objetivo, ultrapassa os campos de conhecimento da antropologia, se interligando com história, economia e sociologia (GODELIER, 1977). Godelier busca compreender as leis que demonstram as propriedades estruturais não intencionais das relações sociais e como marxista, compreende que o modo de produção se mostra como a estrutura social dominante que influencia todas as outras, ou para ser mais preciso, vê o modelo de produção como a infraestrutura das sociedades que influencia diretamente todas as outras estruturas na superestrutura (GODELIER, 1977). Com isso, para o pensador marxista, entender as leis estruturais ou a lógica oculta dos sistemas econômicos se mostra como crucial para se construir uma História que se explique, não adentrando muito nos conceitos de classes sociais, Estado e poder, Godelier aborda o assunto de classes sociais e Estado por uma perspectiva marxista porém não é o foco de seu projeto elaborar uma teoria política baseada nestes conceitos como é para Clastres, mesmo que aborde estes temas em sua obra sobre os Baruya, nela, Godelier busca entender e descrever o sistema dos Baruya e como sua relação de poder e desigualdade de poder entre os sexos através da dominação masculina afeta a sociedade Baruya (GODELIER, 1986), uma outra abordagem e direção se comparada com a antropologia política de Clastres.

Com esta breve análise da obra de Godelier, se torna mais fácil de entender as críticas que ele faz e responde de Clastres em sua entrevista “Ser Marxista na Antropologia” realizada em 1993. Nesta entrevista, o entrevistador em um momento pergunta para Godelier de sua polêmica com Clastres 15 anos após a publicação do artigo de Clastres e 16 anos após sua morte, e Godelier afirma que Clastres não tem qualquer embasamento científico (da mesma maneira que Clastres afirmou sobre Godelier) e afirmando que ele tem uma falta de percepção das relações sociais para afirmar que uma sociedade seria contra o Estado e que é impossível uma sociedade conjurar um futuro e lutar contra ele, Godelier usa como exemplo os Tuareg, como uma sociedade com divisão social ao ser dividida em castas e com a presença do Estado (GODELIER, 1993) e para Godelier por Estado se entende a figura do Leviatã em alusão ao Estado de Hobbes. O marxista francês ainda argumenta que mesmo que estas sociedades não sejam desiguais e não exista Estado nelas, como explicar a desigualdade e a opressão masculina sobre o sexo feminino que está presente nelas, para Godelier isto seria uma indicação da presença da máquina estatal nestas sociedades.

A partir dos elementos estabelecidos até aqui, tentando se fazer uma análise das críticas de ambos autores um contra o outro que nunca foi feita devido à morte prematura de Pierre Clastres, alguns elementos se sobressaem. Godelier ao criticar Clastres mostra que não compreendeu seu conceito de Estado e sua filosofia política, quando Godelier fala sobre se considerar o Estado como Leviatã vai na direção contrária do que Clastres propõe, o antropólogo político compreende o Estado não como uma instituição que se levanta forte como um leviatã e sim como uma categoria ontológica que reside na simples divisão entre o uso e exercício efetivo do poder de uma parte da sociedade sobre o resto, isto é uma sociedade dividida e uma sociedade com Estado de acordo com o pensamento de Clastres. Porém, o questionamento de Godelier quanto à questão da dominação do gênero masculino sobre o feminino confronta diretamente a teoria de Clastres em um ponto que sua teoria não abordou este tema e não consegue responder.

Quanto a Clastres, suas críticas se mostram mais direcionadas ao marxismo do que a teoria de Godelier em si, porém ele ainda coloca algumas críticas ao pensador marxista. A noção de superestrutura e infraestrutura de Marx está muito presente na obra de Godelier levando a crítica que Clastres coloca de as estruturas e a vida social da sociedade serem reduzidas a infraestrutura econômica, algo que Godelier faz ao tentar construir seu projeto de antropologia marxista buscando compreender principalmente os modos de produção e suas transformações, não se atentando ao fato de que as sociedades que estudou poderiam ter modos de vidas que conflitam diretamente com a visão de produção marxista que é baseada na sociedade capitalista ocidental, sendo essa a principal crítica de Clastres à antropologia marxista e que retirava dela o seu valor científico (CLASTRES, 2004).

A diferença entre as críticas passa muito pelos diferentes projetos que os dois autores tentavam construir, enquanto Godelier buscava elaborar uma antropologia econômica baseada numa visão marxista e se utilizando muito dos conceitos de infraestrutura e superestrutura de Karl Marx. Clastres atentava em outra direção, tentando construir uma antropologia política em que a base de todo o social e econômico, é o político. Compreendendo-se essas diferenças após a leitura das principais obras dos dois autores, se consegue perceber como suas divergências estão muito apoiadas em diferentes projetos antropológicos com diferentes pressupostos.

Referências bibliográficas

CLASTRES, Pierre, *La société contre l'Etat: recherches d'anthropologie politique*, Paris, Éditions de Minuit, 1974 (Trad. Bras. Theo Santigo. São Paulo, Cosac Naify, 2003)

CLASTRES, Pierre, *Recherches d'anthropologie politique*, Paris, Seuil, 1980 (Trad. Bras. Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2004)

GODELIER vs. CLASTRES: Polêmica na Antropologia. In: Zona Erógena: Buenos Aires: 1993, no16, p. 1-10.

GODELIER, Maurice. The Making of Great Men: Male domination and power among the New Guinea Baruga. New York: Cambridge University Press, 1986.

GODELIER, Maurice. Horizontes da Antropologia, Lisboa, Perspectivas do Homem: Edições 70, 1977.